

Os pisos originais são basicamente divididos em duas classes: os pisos de madeira e os pisos cerâmicos. Os primeiros estão localizados nas áreas sociais e íntimas. Normalmente, o piso de madeira era de tábua corrida, soalho, com assentamento de junta seca, ou seja, justapostos com a fixação de mata junta.

Os pisos cerâmicos ou ladrilho hidráulico são encontrados na área de serviço, fruto de reformas posteriores na residência. Contudo, ainda é possível encontrar ladrilhos originais, como os da varanda da casa sede da fazenda Santa Rosa, ou os azulejos franceses da cozinha da fazenda Boa Vista, ambos ostentando desenhos geométricos coloridos.⁸²



Assim como as alvenarias, a construção da cobertura das casas sede também se aproxima muito das outras edificações. A estrutura é composta por tesouras e malhas de madeira, variando apenas o desenho dos montantes em função da volumetria, e as telhas são de capa canal ou francesas. Assim como os pisos, muitas coberturas apresentam substituição de telhas, permitindo observar telhas romanas ou, no caso das tulhas, telhas metálicas.

A detailed wall painting in a classical style. It features a central vase or urn with a flared rim, from which various types of foliage and flowers emerge. The leaves are rendered in shades of blue and green, while the flowers and some leaves have a reddish-brown or terracotta hue. The background is a light, neutral color. The painting is framed by a simple, dark border. The overall style is reminiscent of 18th or 19th-century decorative arts.

As casas sede trazem a ideia de poder do proprietário e, por isso, é possível observar um grande apuro nos revestimentos internos, evidenciando uma preocupação com a beleza e com o conforto. Pinturas ornamentais nas paredes internas das áreas sociais ainda podem ser encontradas em algumas fazendas, como a Boa

Vista e a São Manoel, em outras fazendas como a Santa Rosa e a Santa Luzia, elas são cobertas por pinturas, em decorrência da dificuldade de sua manutenção. Outro detalhe encontrado em fazendas como a Santa Rosa, São Manoel e a Boa Vista são pequenas pias nos dormitórios⁸³.

A capela é a edificação com a menor área construída em relação aos outros elementos apresentados, tendo espaço interno suficiente para abrigar algumas dezenas de bancos, quando muito, e um pequeno altar, que é frequentemente preenchido com imagens de devoção.

Mais uma vez não é possível definir uma característica padrão para a intenção plástica das capelas, em alguns casos, ela se revela singela, com traços arquitetônicos simples e rústicos, em outros, a dimensão reduzida é compensada pelo refinamento das suas características.

Quando da intenção de refinar a arquitetura da capela, eram acrescentadas ao corpo térreo pequenas torres centrais, ou torreões laterais com a presença de sinos; ou apuro nos detalhes internos, como nos mobiliários de madeira, talhados manualmente e nas pinturas murais.



Espacialidade das fazendas cafeeiras

Todos os afazeres da cafeicultura depois da colheita do grão giram em torno do terreiro, que se impõe como organizador do espaço nas fazendas cafeeiras. As outras edificações são construídas ao redor do terreiro, tendo, na maioria das vezes, a casa sede na sua parte superior, com a fachada frontal voltada para ele. A tulha é posicionada com frequência na parte inferior, se utilizando da gravidade para facilitar no escoamento do café seco. As colônias e a capela são posicionadas nas laterais dos terreiros ou com algum distanciamento, sendo que, quanto maior a colônia, mais longe tende a ficar do terreiro.

Dependendo da dimensão da colônia elas poderiam ser divididas em mais de um núcleo, sendo um exemplo conhecido a fazenda Monte Alegre, atual campus da USP, na cidade de Ribeirão Preto. É difícil precisar as datas de construção das residências, em função das diversas fases de ocupação pelas quais passou o local, mas acredita-se que ainda permanecem residências das antigas colônias, como por exemplo, as oito casas da colônia Milanese, recentemente alvo de grande intervenção em função do aparecimento de problemas estruturais e a colônia Napolitana. Sua nomenclatura remete às regiões da Itália e teria sido adotada na época, em função da grande quantidade de imigrantes italianos, que eram alocados de acordo com a região de origem.

Durante a pesquisa foi difícil encontrar exemplares íntegros que ainda tivessem preservados nas propriedades - os cinco elementos do complexo cafeeiro, mas, ainda assim, foi possível observar uma característica recorrente sobre a linguagem arquitetônica no que se refere à intenção plástica. Essa característica se refere a construção dos cinco elementos com a mesma linguagem arquitetônica, podendo repetir ornatos, materiais e esquadrias.

Mas, nem sempre foi assim. Nem todas as fazendas cafeeiras foram construídas da mesma forma, nem com as mesmas características, o que nos leva a discutir o que tem de diferente na arquitetura rural de Ribeirão Preto quando comparada a outras fazendas de outras regiões e de outros períodos.

As mudanças na casa rural do Oeste Paulista

Sabe-se que a plantação cafeeira não teve início na região de Ribeirão Preto, sendo a expansão das terras de produção cafeeira para o interior do Estado de São Paulo conhecida como “marcha para o Oeste”. Esta “marcha” foi resultado do declínio da produção na região do Vale do Paraíba, devido ao esgotamento dos solos, desgastados pelo modo de plantio, do declínio da abolição, visto que a mão de obra destas propriedades

era formada setenta por cento por escravos, e também do esgotamento das minas de ouro em Minas Gerais⁸³. Estes fatores, aliados às publicações de Martinho Prado Júnior e Luiz Pereira Barreto, que faziam referências às qualidades do solo e do clima dos arredores, atraíram diversos produtores para a nossa região.

Em sua forma atual, a “marcha para o Oeste” é essencialmente paulista e continua sê-lo, mesmo ao penetrar territórios de outros Estados, porque não somente o impulso é dado por São Paulo, como a maior parte dos homens provem desse Estado, e as relações econômicas se fazem, sobretudo com São Paulo e Santos. Nem sempre foi assim. Sabe-se que a cultura do café que desencadeou essa progressão: ela começou fora de São Paulo, em regiões já povoadas, havia muito tempo, embora as culturas mal as tenha atingido. Frequentemente descreveu-se o itinerário do café, que começou nas partes montanhosas do Rio de Janeiro, no segundo quarto do século XIX; acompanhou o Vale do Paraíba do Sul, penetrando assim nas terras paulistas; depois, na segunda metade do mesmo século, expandiu-se pelo interior de São Paulo⁸⁴. Foi por volta de 1870-1880 que o movimento se intensificou, alcançando os planaltos ocidentais, como vaga que engrossa e, talvez, logo reventará⁸⁵.

Em observação a outras fazendas cafeiras de outras regiões e de outros períodos,

passou-se a acreditar que Ribeirão Preto possui um patrimônio rural único, de composição volumétrica e espacialidade distinta dos outros locais. Inicialmente essas características eram sentidas de maneira empírica ao longo dos levantamentos. Após uma pesquisa mais aprofundada foi possível o contato com outros autores que já trabalhavam no tema, afirmando as transformações da arquitetura rural no Oeste Paulista no final do século XIX.

A tese de doutorado de Daici Ceribelli de Freitas, denominada: “Os signos da modernidade nos cafezais” é uma das, em meio aos pesquisadores que defendem esta abordagem, afirmando que “a casa mudou”. Em seu mestrado, “Arquitetura Rural do Nordeste Paulista: Influências Mineiras (1800-1874)”, a autora já havia tratado desse assunto, mas com recorte mais amplo, do Rio Grande ao Rio Pardo. Nele, a autora dedica-se a reconhecer as influências da ocupação mineira na arquitetura rural naquela região paulista.

Para Daici, “a casa mudou na posição, em relação aos outros edifícios, na técnica construtiva, na divisão e nos diversos elementos”⁸⁶. A autora defende que houve uma modernização em vários aspectos, com uma influência do Ecletismo europeu nessas casas.

Outro autor dedicado ao tema é Vladimir Benincasa⁸⁷, cuja pesquisa abordou as fazendas cafeeiras com um panorama sobre a arquitetura rural paulista e seus exempla-

res remanescentes no Estado de São Paulo. O arquiteto aponta os aspectos gerais das fazendas da região da Paulista Mogiana, tais como: a visão de uma elite capitalista mundial, formação de pequenos burgos, elementos símbolo de status e o aparecimento de edificações ecléticas.

A paisagem das fazendas era cada vez mais planejada segundo padrões de beleza europeus vigentes no fim do século XIX e princípio do XX.

Segundo Benincasa, a paisagem da fazenda era planejada com influência europeia do final do século XIX e início do XX, somando-se elementos do bucolismo e do pictórico. Havia um desejo de modernização, entendida como a adesão a um “mundo civilizado europeu, apagando as marcas de um passado pobre, precário, do qual São Paulo, principalmente, através do café, estava se livrando”.⁸⁸ Como resultado da inserção na economia mundial, observa-se a convivência do sentido de hierarquia, ordem e racionalidade do cotidiano, evidenciando a fazenda como uma empresa capitalista. Torres com relógios, sinos e serenes, iluminação elétrica gerada em usinas importadas e montadas nas próprias fazendas tornam-se símbolo da modernidade cafeicultora paulista.⁸⁹

Essa caracterização de Benincasa serve também para a classificação das fazendas cafeeiras de Ribeirão Preto, mas ainda assim, seria difícil estabelecer um tipo próprio. O próprio autor afirma ainda que os casarões do Oeste Paulista possuíam uma tipologia

extremamente diversificada, indo da casa singela e inspirada na arquitetura tradicional aos palacetes sofisticados, influenciados pelo ecletismo ou mesmo pelo neocolonial. Para Benincasa, isso se deve ao fato da região ter sido ocupada de forma muito rápida, com a chegada das ferrovias, por imigrantes europeus vindos de diversos lugares.

Benincasa observa ainda que as primeiras modificações nas casas rurais do Oeste Paulista na década de 1880 ocorreram na questão decorativa, com a presença de ornamentos trazidos pelo ecletismo. Segundo ele, a consolidação desta postura e o “surgimento de casarões rurais sofisticados” ocorreram mais ao final da década de 1890, através da facilidade de obtenção de materiais importados, que propiciaram conforto e higiene, como por exemplo, o emprego de encanamento de água e esgoto nos banheiros e nas cozinhas.⁹⁰ Porém, estas transformações não ficaram apenas nos requintes dos acabamentos internos, nos materiais e nas técnicas construtivas. O autor afirma que “talvez a maior das alterações sofridas na casa rural paulista do final do século XIX esteja mesmo relacionada à sua volumetria e, conseqüentemente, à sua planta. Aquele volume simples [...] foi aos poucos desaparecendo”.⁹¹ O autor explica este fato pelo uso mais frequente da alvenaria de tijolos, pelas melhorias nas técnicas de construção de estruturas de telhados, entre outras razões.

Para Argollo Ferrão,⁹² a evolução archi-

tetônica das fazendas de café no Estado de São Paulo, comparando a região do Vale do Paraíba (1830 -1880) com a região do Oeste Paulista (1880 -1930), sinaliza a mudança no perfil dos proprietários que passam a administrar sua produção como empresas rurais.

E dentre essas novas tipologias diver-

sificadas, e da maneira inovadora de administrar as propriedades, é possível identificar características únicas do patrimônio rural de Ribeirão Preto? Acredita-se que essas mudanças ocorreram em todo o Oeste Paulista e sinalizamos alguns pontos em que as fazendas de Ribeirão Preto se diferenciam das outras fazendas cafeeiras.

Quadro de diferença entre o Vale do Paraíba e o Oeste Paulista

	Vale do Paraíba	Oeste Paulista
1.	Formas tradicionais de uso e ocupação da terra	Formas capitalistas de uso e ocupação da terra
2.	Fracionamento dos latifúndios	Predomínio da grande propriedade
3.	Estagnação econômica	Progresso
4.	Mentalidade tradicional na administração da fazenda	Mentalidade empresarial e capitalista
5.	Investimento improdutivo dos lucros	Investimento produtivo dos lucros
6.	Agricultura arcaica	Agricultura moderna
7.	Fazendas autossuficientes	Fazendas dependentes
	Aristocracia escravocrata e conservadora	Aristocracia imigrantista e liberal
9.	Senhorio voltado para a gestão agrícola	Senhorio empresarial, desdobrando-se em iniciativas urbanas
10.	Dependência do patrocínio oficial	Iniciativa privada e independente
11.	Estiamento e regressão urbana	Desenvolvimento urbano
12.	Formação das classes médias por um movimento de descenso da aristocracia	Formação das classes médias por um movimento de ascensão dos segmentos inferiores
13.	Indiferença política	Ativismo na prática política
14.	Resistência ao movimento abolicionista	Aceitação do movimento abolicionista
15.	Ideologia monarquista	Ideologia republicana
16.	Inércia cultural	Intensidade no movimento cultural
17.	Impermeabilidade ao processo de adaptação cultural	Fácil adaptação a novas imposições culturais
18.	Relações sociais paternalistas	Relações sociais capitalistas
19.	Relações sociais de produção escravistas	Relações sócias de produção capitalistas
20.	Forças produtivas escravistas	Forças produtivas capitalistas
21.	Administração direta do trabalho	Administração indireta do trabalho
22.	Unidade de produção tradicional (fazenda)	Unidade de produção capitalista (empresa)

Tabela comparativa entre a arquitetura da região do Vale do Paraíba com a arquitetura cafeeira da região do Oeste Paulista. Fonte: Argolo Ferrão, 2004 p.146 *apud* Amaral Lopes, 1983.

Em relação à espacialidade do complexo como conjunto, o primeiro ponto é a diferença da implantação das fazendas do município de Ribeirão Preto em relação às fazendas localizadas nas regiões do Vale do Paraíba e Central, que representam o primeiro ciclo econômico cafeeiro e se configuram como um conjunto fechado, ou seja, todas as construções são implantadas ao redor do terreiro diretamente, de maneira a fechar o espaço. Já no município de Ribeirão Preto, assim como em outras cidades desta região Paulista-Mogiana, as edificações continuam sendo norteadas pelo terreiro, mas acontece o afastamento das construções, principalmente a casa sede, reservando a intimidade e a privacidade da família do fazendeiro. Duas hipóteses, não excludentes entre si, seriam o aumento quantitativo da população dessas propriedades, chegando a serem vilas ou pequenas cidades, e o desejo de privacidade por parte da família do proprietário⁹³.

Na questão das habitações dos trabalhadores também houve uma grande mudança em relação às primeiras fazendas dos períodos iniciais, sendo que, na região do Vale do Paraíba e na região Central, foram encontradas senzalas para abrigar os escravizados, mão de obra predominante da produção do período e, em Ribeirão Preto, apenas casas unifamiliares para o abrigo dos trabalhadores imigrantes contratados através do colonato.

A formação de fazendas cafeeiras de

Ribeirão Preto antecede a lei áurea de 1888, data que simboliza a abolição. É possível que essa substituição da mão de obra escravizada pela mão de obra imigrante tenha acontecido de maneira gradual, mas durante os levantamentos não foi encontrado nenhum tipo de resquício de edificação com características de senzala, ou para abrigo de cativos.

Na morada dos proprietários também podemos observar algumas mudanças, por exemplo, em relação ao programa das edificações do Vale do Paraíba, da região Central e das zonas pioneiras do século XX, as fazendas do município de Ribeirão Preto apresentam transformações que podem ser consideradas grandes, mas não primordiais, mantendo o programa básico da morada, acrescentando e retirando algumas dependências. Em relação a outras fazendas da região da Paulista Mogiana, a grande novidade foi o desaparecimento total das alcovas, dos corredores de circulação e a inserção de um acesso de uso íntimo nas edificações. A única fazenda encontrada com corredor e circulação foi a Monte Alegre. Outro fato a se destacar é a não existência de Igrejas, oratórios ou qualquer outro espaço dedicado à fé dentro das casas sede. A “frequente presença de escritórios” dentro da casa também é um fator relevante nessas fazendas⁹⁴.

Ainda sobre a casa sede, outros fatores que podem ser observados referem-se à volumetria, à espacialidade, aos partidos

adotados e às técnicas construtivas. A predominância das plantas em formato de “L” é a maior transformação em relação a outros exemplares, mas, outros elementos de diferenciação da espacialidade também podem ser citados, tais como a escadaria e a varanda frontal.⁹⁵

Diante disso, é possível afirmar que o partido arquitetônico das propriedades do município de Ribeirão Preto sofreu mudanças durante a “marcha do café”. “O sobrado que se mostra sóbrio e austero no Vale do Paraíba, tem a inserção de novos elementos na chegada da região Central e se transforma ao vir em direção ao Oeste Paulista”⁹⁶. Esse movimento pode ter ocorrido em toda a área da Paulista-Mogiana, não somente no município de Ribeirão Preto, mas de maneira gradual em toda a região. Essas mudanças se devem à “consolidação da técnica construtiva de alvenaria de tijolos”, ao Ecletismo, a vinda de imigrantes e ao “acúmulo de capital proporcionado pelo cultivo das enormes lavouras cafeeiras”. De toda forma, concordamos com Daici Ceribelli Freitas, quando afirma que na região de Ribeirão Preto, “a casa mudou”⁹⁷.

Estado de conservação e a necessidade de preservar

Apesar de ter um conceito amplo, a palavra preservação, ao ser utilizada para edificações de valor histórico, pode ser definida por três ideias: proteção, conservação e



manutenção. Para alguns, não é clara a diferença entre o estado de conservação e de preservação. Quando a questão é preservar, a ideia se volta basicamente para a existência

da edificação. Já a “conservação é um aspecto [...] especializado⁹⁸ da área mais ampla da preservação do patrimônio, [...] definida como a intervenção física na própria matéria de um edifício para assegurar sua integridade estrutural ou estética”. Seu objetivo é estender a vida útil das edificações, dando aos materiais o tratamento correto.

E qual o estado de conservação das fazendas remanescentes do período cafeeiro de Ribeirão Preto? Diante da quantidade e complexidade das dezenas dessas edificações se torna inviável dar um diagnóstico para todo conjunto. O ideal seria dar continuidade a projetos como os que originaram este livro e elaborar um diagnóstico para cada edificação, podendo classificá-las dentre categorias que registrem se estão passíveis de recuperação, ou não.

Apesar das diversas maneiras que estas edificações passaram pelo tempo, dentre as fazendas visitadas, a grande maioria se encontra íntegra e em condições de ser recuperada. Existem propriedades com o estado de conservação muito bom, como os casos das fazendas Boa Vista, São Manoel, Santa Maria de Bonfim, entre outras. Estas conservaram a maioria dos seus materiais originais como pisos, esquadrias, pinturas, dando a estes a manutenção necessária para sobreviverem ao tempo.





Infelizmente, em outros casos, as antigas edificações do período cafeeiro estão em estado de completo abandono, como são os casos das tulhas das fazendas Serra e Iracema. Ambas eram muito importantes no início do século, sendo consideradas como grandes núcleos produtores do café e tiveram praticamente todo o complexo demolido, sendo deixada para trás apenas a tulha, que, em ambos os casos, encontra-se em ruínas.



Como discutiu-se em relação às colônias, a questão de preservação está intimamente ligada ao uso. Um exemplo muito feliz de preservação com mudança de uso está na fazenda Santa Luzia, atualmente utilizada como pesqueiro, restaurante, espaço de eventos e ainda habitação. O “Restaurante da Tulha,” como é chamado atualmente, se utilizou das antigas dependências da fazenda para viabilizar economicamente um novo uso, que permitisse a manutenção da tulha e do terreiro.



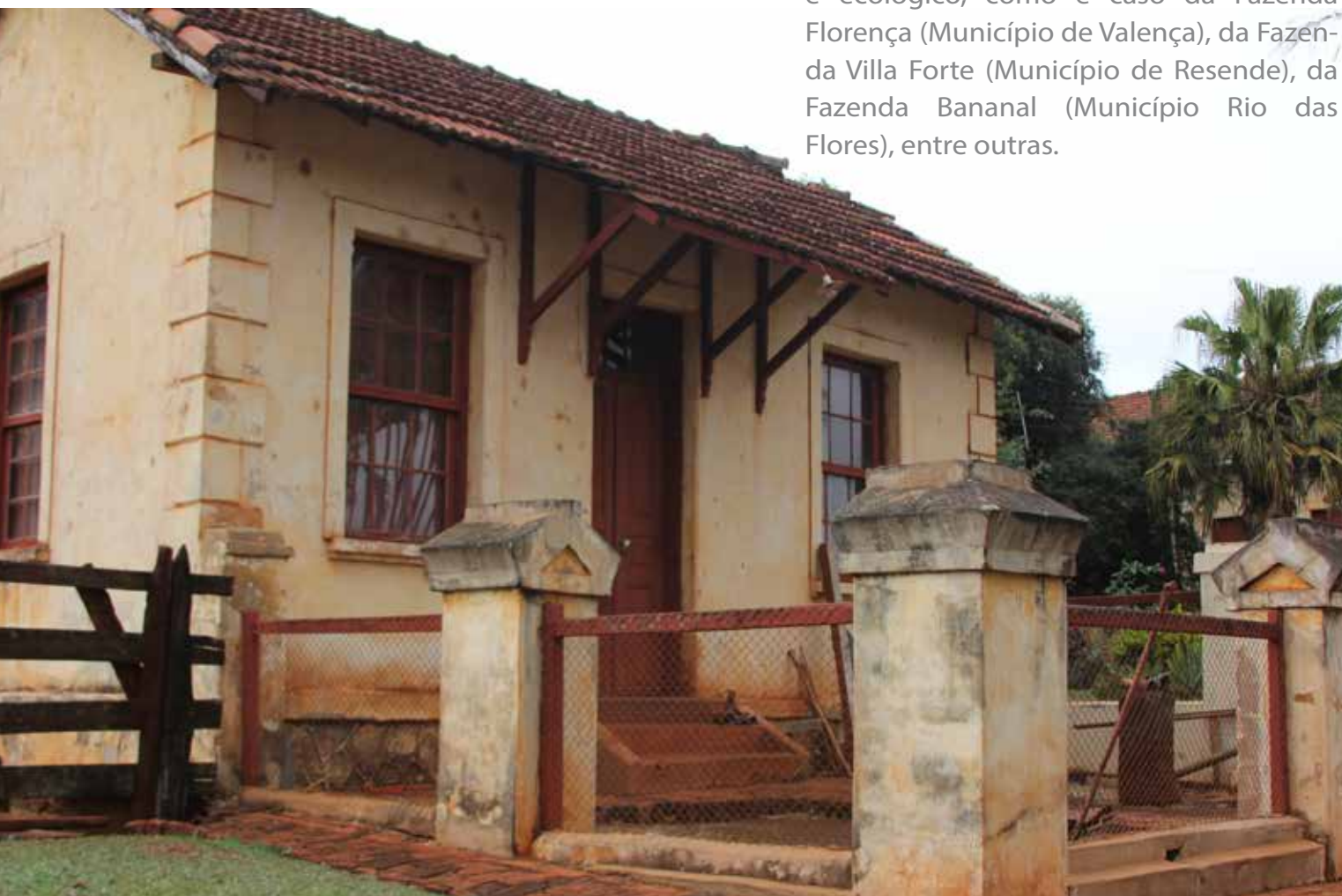




Em algumas situações, registrou-se o desejo de preservar o conjunto edificado, através da mudança de uso, ainda não viabilizado, trazendo o turismo rural para as antigas fazendas de café. Este é o caso, por exemplo, da Fazenda São Manoel, onde o proprietário deseja transformar a propriedade em um hotel fazenda, sem a descaracterização do conjunto, simultaneamente com a continuidade da produção. A propriedade ainda possui os seguintes remanescentes edificados: casa sede, tulha, casa do administrador, casas de colonos e serralheria, casa de máquinas; mantém o cultivo cafeeiro, beneficia e vende o café em grande escala, até os dias

atuais, dizendo ser a maneira de conservar o maquinário e arquitetura existentes do auge do período cafeeiro. O proprietário relatou seus esforços na busca por parcerias que viabilizassem financeiramente a implantação de seu projeto, entretanto, todos os caminhos foram negativos até o presente momento.

A implantação do turismo rural, além de ser um meio de divulgação da história, é uma maneira rentável de preservar e conservar as edificações, uma vez que o uso constante é sempre um sinal positivo nas edificações históricas, evitando assim o abandono. Algumas cidades do primeiro ciclo do café localizadas no Vale do Paraíba se utilizam da infraestrutura remanescente do período para abrigar o turismo cultural e ecológico, como é caso da Fazenda Florença (Município de Valença), da Fazenda Villa Forte (Município de Resende), da Fazenda Bananal (Município Rio das Flores), entre outras.



O estado de conservação leva a uma reflexão sobre a necessidade de preservar, sendo a questão que parece ter maior pertinência é no tocante à consciência patrimonial. A sociedade atual encontra-se destituída desta consciência e portanto, o primeiro passo é o reconhecimento de uma identidade cultural. A identificação da história local, bem como sua valorização, são passos fundamentais para que haja a intenção de preservação dos remanescentes deste período.

Parece claro que uma sociedade onde se pensa que tudo pode ser destruído ou conservado, tem uma noção de história – passado e presente – completamente abstrata. Nestas condições, ela não é uma forma de reconhecimento, não é um chão de enraizamento, não se produz como referência com a qual se possa refletir sobre a experiência social. Isto aponta claramente para uma sociedade destituída de cidadania, em seu sentido pleno, se por esta palavra entendermos a formação, informação e participação múltiplas na construção da cultura, da política, de um espaço e de um tempo coletivo.⁹⁹

Localização e mapeamento das fazendas cafeeiras remanescentes

Como fruto dos três anos (2011-2012-2013) de levantamento dos remanescentes cafeeiros do município de Ribeirão Preto realizados para Inventário Nacional de Referências Culturais, visando o projeto Paisagem Cultural do Café, foi possível a elaboração de um mapa



ilustrativo, com a distribuição desses exemplares no território.

Mesmo sabendo que no período correspondente ao ciclo cafeeiro o limite do município era muito maior, abrigando áreas que mais tarde se tornariam novos distritos

como: Sertãozinho (emancipado em 1896), Cravinhos (emancipado em 1897), Guatapar (emancipado em 1938) e Bonfim Paulista, ou Gaturamo, ainda pertencente ao município de Ribeirão Preto; por razões práticas e políticas o mapeamento aqui apresentado visa apenas as fazendas que estão dentro do limite do município atual, pontuando ainda algumas que se encontram na linha limítrofe entre municípios ou que tenham alguma poro de terra dentro do município atual de Ribeirão Preto.

Como instrumento de pesquisa e divulgação da cultura cafeeira, esse mapeamento permite a observação do crescimento da malha urbana e da sua relação com a área rural. Mesmo com a diminuição dessa proporção, onde temos cada vez menos área de produção rural, ainda sobrevivem 65 fazendas remanescentes, que possuem pelo menos um dos cinco elementos do complexo cafeeiro, nos lembrando da necessidade de preservar o patrimônio edificado da cidade de Ribeirão Preto, afim de conservar a identidade cultural e histórica do município.

Por fim,  necessário alertar que este mapa, que se encontra no encarte, não tem a intenção de ser um mapa turístico, uma vez que estas fazendas não se encontram abertas para a visitação. As únicas propriedades abertas ao público é a antiga fazenda Monte Alegre, atual Museu do Café, localizado no *Campus* da USP e a antiga venda de secos e molhados, atual bar do Z Goleiro, localizado dentro da fazenda Boa Vista









Considerações finais

Depois de tantas conversas, tantos escritos, falas organizadas em um documentário digital complementar e prosas entre as autoras, antes, durante e depois do livro concebido, faltavam as considerações finais. Com tanto material amalhado, não haveriam de ser difíceis. Mas foram. Não por falta de conteúdo, muito ao contrário. As palavras ainda valsavam, mas era o momento de desligar a música para concluir o baile de ideias formulado ao longo destas mais de 150 páginas.

Foi quando, de maneira inevitável, fruto da intimidade que todas conquistamos, entre nós, entre nós e os entrevistados e entre nós e os muitos autores do universo teórico de cada uma, começamos a ouvir dos contadores de histórias deste livro, aquilo que eles ocultavam atrás do silêncio.

Ainda que esta habilidade de ler o mundo a partir do silêncio se respalde no discurso do silêncio, pesquisado pela Linguísta Enni Pulcinelli Orlandi, ou nos muitos trabalhos de Michael Pollak, ela se deu, aqui, alicerçada na sensibilidade. A mesma, que muitas vezes a ciência renega. Mas que aqui se permitiu a uma dialética de muitos ganhos.

De repente tudo ficou aparente, até o não dito ou mesmo o intencionalmente escondido. O Senhor Humberto disse muita coisa, quando não concluiu a frase sobre a reza que não acontece mais. Disse ele que os homens hoje estão errados. Mas não explicou errados como. Fosse por falta de palavras combinadas, ou por falta de certezas, ou

mesmo por absoluta convicção de que todos sabiam sobre o que ele estava falando.

Dona Célia foi singela ao afirmar que fazia muita pamonha naquela época que já passou para dar aos amigos e parentes. Ela ainda faz pamonha, mas não tanto quanto antes. Ela não disse que hoje se divide menos, mas ficou subentendido.

Tito foi claro. Hoje, nem jogando um caminhão de água no pé do santo, nos redimirá de dias e dias de seca. Falta fé e penitência. Sem penitência, o santo não atende, ele disse, sem, evidentemente, dizer.

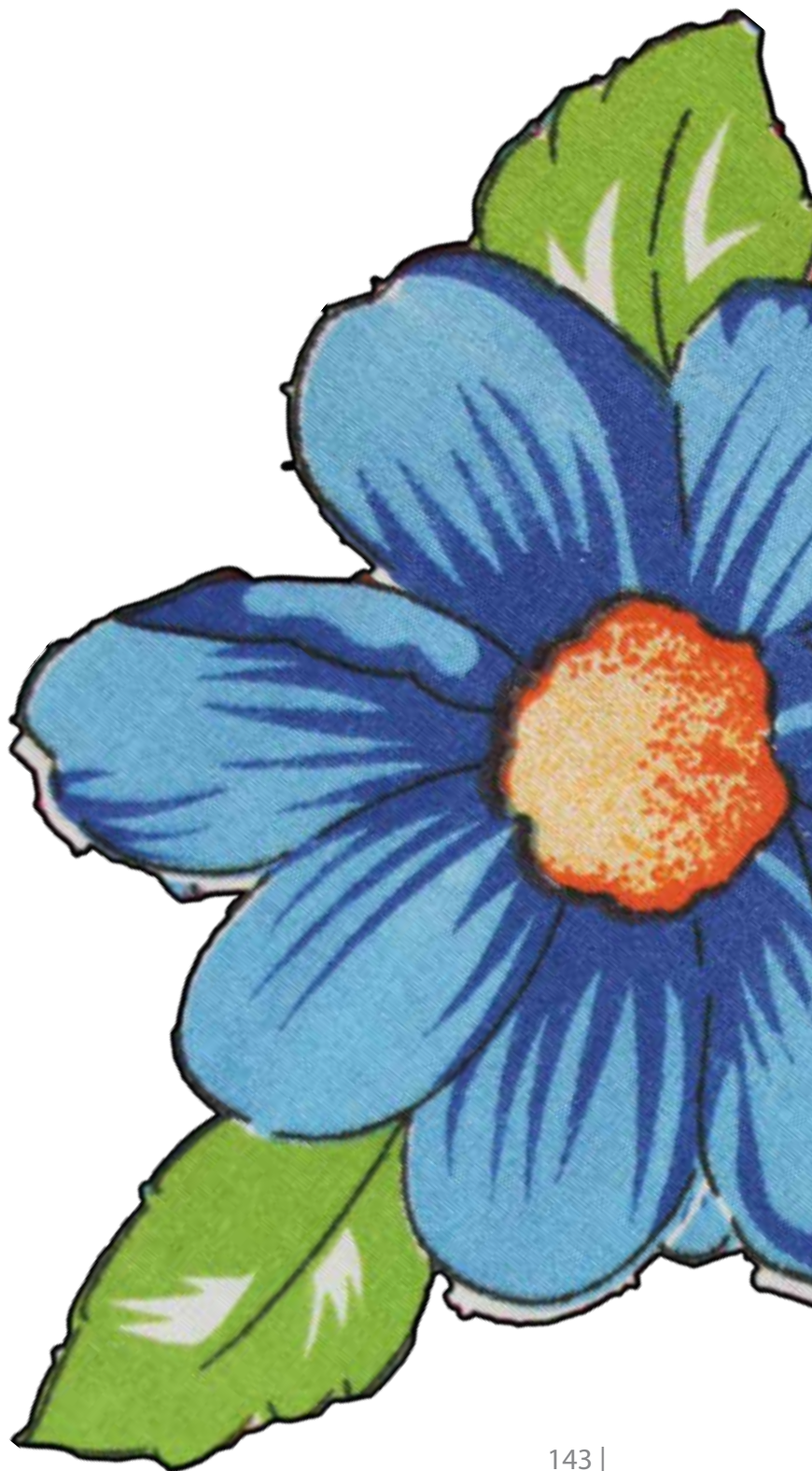
Dona Mafalda riu muito a muitas das perguntas. Se num primeiro momento a nós pareceu singeleza, pode ser muito mais que isso. Podem ser obviedades ocultas para nós, aparentes para ela.

Senhor Pedro disse tantas vezes que tudo está mudado e nada descreveu que nos levou a pensar em mais coisas do que as coisas que foram tratadas. E não bastou pronunciar. A maneira de sorrir quando dizia das coisas que não são iguais, só vistas no vídeo, revelam, em certos momentos desdenha, em outros, tristeza e outros ainda, lamúria. Mas juntando todas, escancara que tudo que mudou, para ele, não foram para melhor. Talvez seja difícil, em especial para o Senhor Pedro, dar os nomes às coisas, explicar sentimentos e, de repente, saudade passa a ter um gosto gostoso. Mas, tão rapidamente, ninguém quer voltar ao tempo do sol a sol de labuta.

E é neste dizer não dito que o inexplicá-

vel constrói um arrazoadado de possibilidades. Não é possível, com ou sem ciência, afirmar que o tempo que se foi, levou com ele tudo de bom. Talvez seja verdade, estrangulando a ciência, que nada seja 100% uma coisa só. Que coisa boas possam ser ruins e coisas ruins possam guardar em si porções de coisas boas. Que o mesmo tempo que leva embora uma cultura de simplicidade, traz uma vida de facilidades modernas e que neste ir e vir, perdemos e ganhamos. Se mais ganhamos ou mais perdemos é tema para muitos outros livros.

Por enquanto, nos permitimos algumas conclusões absolutamente não finais, mas necessárias, de que, enquanto as coisas não se consolidam como verdadeiramente ruins ou boas, que continuem compondo nosso universo cultural, pois, lembrando o poeta Ferreira Gullar, para quem cultura é herança e transformação, para transformar é preciso herdar, e o que fizemos aqui, foi organizar de presente para o presente, a cultura do passado: NOSSA HERANÇA.







Notas

1. Pós-doutoranda em Administração pela FEA-USP-RP, doutora em Educação pela Ufscar. Jornalista pela Universidade de Ribeirão Preto.
2. Mestre em Arquitetura pelo Mackenzie-SP.
3. Pós-doutoranda em Administração pela FEA-USP-RP, doutora em História pela Unesp.
4. Doutora em História pela Unesp-Franca.
5. Doutora em História pela USP-SP.
6. AZEVEDO, F. A Cultura Brasileira. São Paulo: Edusp, 2010.
7. LE GOFF, J. História e Memória. 5.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 47.
8. POSSENTI, S. Os Limites do Discurso – ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2002.
9. POLLACK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992. Vol. 5, n. 10, p. 200-212.
10. _____. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989. Vol. 2, n. 3, p. 3-15.
11. LE GOFF, J. Op. cit., 2003, p. 68.
12. POLLACK, M. Op. cit. 1989, p. 3-15.
13. LE GOFF, J. Op. cit., 2003, p. 72.
14. POLLACK, M. Op. cit. 1992, p. 200-212.
15. HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&, 2006.
16. POLLACK, M. Op. cit. 1992, p. 200-212.
17. Idem.
18. MERCER, K. apud HALL, S. op cit., p. 93.
19. NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução Yara A. Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo, 1981. P. 7-28.
20. EAGLETON, T. A idéia de Cultura. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
21. LLOSA, M. V.. A civilização do espetáculo. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Objetiva, 2013.
22. LLOSA, M. V. Op. cit., p. 23.
23. AZEVEDO, F. A Cultura Brasileira. São Paulo: Edusp, 2010, p. XX.
24. Idem.
25. EAGLETON, T. Op. Cit., p. 42.
26. SILVA, D. A vida íntima das palavras. São Paulo: ARX, 2012.
27. CANDIDO, A. Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.
28. Idem.
29. BERGAMIN, S. Adoro o Brasil. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 135.

30. SILVA, E. F. F. Estampa chita: cesura e memória no descontínuo da história dos vencedores. *Revista Signos do Consumo*. 2010. V.2, n.1, p. 98-107.
31. PEDREIRA, J. M. Indústria e Negócio: a estamperia na região de Lisboa, 1780-1880. Lisboa, 1991, p.107.
32. SILVA, E. F. F. Op. cit., p. 98-107.
33. SEVCENKO, N. República: da Belle Époque à Era do Rádio. In: História da vida privada no Brasil. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2010.
34. Documentário realizado pela Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto, 2010.
35. AMARAL, A. Dialeto Caipira. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.doselect_action=co_obra=7381>. Acesso em: 20 jun. 2014.
36. FREYRE, G. Casa grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
37. DONATO, H. Cultura Caipira: cem ditados rurais paulista.
38. BAGNO, M. Preconceito linguístico: O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.
39. MARTINS, J. S. Línguas brasileiras – dialeto caipira. Disponível em: <<http://www.sosaci.rog/alaio2.htm>>. Acesso em 13 jul. 2014.
40. SAULO, R. poema Capina. Café: a poesia da terra e das enxadas. Editora Expressão e Cultura. 2002. p.59
41. BENJAMIN, W. Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação. São Paulo: Editora 34, 2004.
42. ARIËS, P. História Social da Criança e da Família. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
43. BERNARDES, E. L. Cadernos de História da Educação. 2005. N. 4, p. 45-54.
44. RAMOS, S. poema Oitava de exadeiro. Café: a poesia da terra e das enxadas. Editora Expressão e Cultura, 2003. p.118.
45. GIL FILHO, S. F. Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008, p.84.
46. HOORNAERT, E. Formação do catolicismo brasileiro (1550-1800). Vozes: Petrópolis, 1974, p.23.
47. WISSENBACH, M. C. C. Ritos de Magia e Sobrevivência. Sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940). Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo: FFLCH/USP, Julho/1997, p. 29.
48. DELUMEAU, J. De Religiões e de Homens. Tradução Nadyr de Salles Pentecoste. São Paulo: Loyola, 2000, p. 9.
49. FRAGOSO, H. A Igreja na formação do Estado Liberal. In: Beozzo, J. O. et al. História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1985, p. 219.
50. FRANCISCO, L. R. A gente paulista e a vida caipira. In: Terra Paulista. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo: CENPEC/Imprensa Oficial, 2004, p.33.
51. ALVIM, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 265.
52. SANCHES, Pedro Valentim. Entrevista realizada pelos pesquisadores do IPCCIC, 2014.
53. FREITAS, N. FREITAS, N. M. B. de. A devoção a São Sebastião em Ribeirão Preto. In: SAMPAIO, J.H. (org). Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir de seus sujeitos. Piracicaba: UNIMEP/CEHILA,

2004, p.165.

54. ALVIM, Z. Op. cit., 2001, p. 267 e 268.

55. FRANCISCO, L.R. Op. cit., 2004, p. 33 e 34.

56. ALVIM, Z. Op. cit., 2001, p.266.

57. CASCUDO, L. C. História da Alimentação no Brasil. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1983, p. 15.

58. BELUZZO, R. Memória e sabor. São Paulo: Unesp, 2008.

59. CASCUDO, L. C. Op. cit., 1998, p. 665-666.

60. Em muitos dialetos do norte o “g” é usado no lugar do “c”. Assim, o verbo incrostolare do italiano culto, que significa cobrir de crosta é pronunciado ingrostolare em muitas regiões; como também crosta é pronunciado grusta.

61. DOIN, J. E.M.; PAZIANI, R. R., CUELLO, J. P. A Saga de Ribeirão Preto Na Belle Époque caipira: da modernidade e urbanização na primeira República. Dialogus. Ribeirão Preto, 2006. V. 1, n. 2, p. 135-160.

62. LOBATO, M. Cidades mortas. São Paulo: Brasiliense, 1975, p. 4-5.

63. BARRETO, L. P. A Terra Roxa. In: A província de São Paulo. 02 dez. 1876.

64. Idem.

65. SEVCENKO, N. Op. cit., p. 254.

66. GARCIA, M. A. M. Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto: trabalho e resistência nas fazendas de café, 1890-1920. Franca: UNESP, 1997. 1997, p. 37-39.

67. SEVCENKO, Op. cit., p. 258.

68. CARRATO, J. F. Comes e Bebes na “Belle Époque” Ribeirãopretana. Revista Regional de História – História e Cultura. Franca, ARPAM – Associação Regional de Pesquisa e Preservação de Acervo Municipal. v. 1, n. 1, p. 133-141. 1991.

69. SEVCENKO, Op. cit., p. 258.

70. A temática aqui abordada teve como ponto de partida o levantamento de um grupo de pesquisa multidisciplinar chamado Rede de Cooperação de Identidades Culturais. Este grupo de pesquisa, articulado no ano de 2010, se responsabiliza pelo Inventário Nacional de Referências Culturais, visando o reconhecimento da cidade de Ribeirão Preto, por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, como paisagem cultural. O tema da cidade de Ribeirão Preto durante o período cafeeiro foi levado a diante também como pesquisa individual resultando na dissertação: Um reconhecimento arquitetônico das fazendas cafeeiras do Município de Ribeirão Preto (1870 -1930), defendido no Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie no ano de 2013, sendo orientado pela Profa. Dra. Ruth Verde Zein. Muitas das considerações feitas nas próximas páginas são frutos destes dois momentos de pesquisa, inicialmente dentro de um grupo multidisciplinar trabalhando de maneira integrada onde o olhar se direcionava para questão do patrimônio material e imaterial dessa então, paisa-

gem cultural do café; e de uma segunda abordagem, menos relacionada à questão dos valores patrimoniais, voltando-se para a análise crítica do que seria essa arquitetura do café ribeirão-pretana. Como se organizaria esse ciclo econômico espacialmente na cidade de Ribeirão Preto? Qual era a maneira de morar dessa sociedade que deixou um legado a ponto de justificar-se uma paisagem cultural do café? Buscando as respostas para essas perguntas, trazendo como base três anos de investigação, a intenção desse capítulo é ilustrar o cenário onde foram vividas essas memórias que são dos cafezais, mas que trazem como pano de fundo a fazenda cafeeira e suas edificações. E que seja dada a voz a este patrimônio que não pode ter sua memória oral, mas que se consagra como edificação construída e deve ser preservada e traduzida para a essa sociedade filha do café.

71. BENINCASA, V. Velhas fazendas. Arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara. 1830-1930. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EDUFScar, 2003, p.35.

72. BACELLAR, 1999, p.147.

73. GLERIA, A. C. Um reconhecimento arquitetônico das fazendas cafeeiras do Município de Ribeirão Preto (1870 -1930). Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013, p.211-212.

74. Idem, p.225.

75. Idem, p.219.

76. CRUZ, C. F. Fazendas do sul de Minas: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008, p. 51.

77. GLERIA, Op. cit., p. 219.

78. Idem, p.235.

79. ROCHA-PEIXOTO, G. (Org.); CZAJKOWSKI, J. (Org.).Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001, p. 10.

Segundo Corona e Lemos (1989) a definição de lambrequim: [...] Daí o fato de se dar o nome de lambrequim ao rendilhado de madeira recortada usado nas decorações das extremidades dos beirais de certos tipos de construção europeia da zona alpina, o conhecido chalé, que entrou em voga no Brasil a partir do fim do século XIX, principalmente na arquitetura particular. Os novos métodos de serragem com o advento da chamada “serra tico-tico”, propiciaram a divulgação intensa dessa nova modalidade decorativa entre nós, não tendo existido cidade brasileira que não passasse a ter seus chalés franco-suíços lambrequinados. Comerciantes de materiais de construção chegaram mesmo a importar de grandes centros lambrequins caprichosamente recortados para serem vendidos a metro, como podemos ver em antigos anúncios de jornais do fim do século.

80. GLERIA, Op. cit., p.235.

Ao abordar sobre as construções rurais da cidade de Ribeirão Preto confira Freitas (1994, p. 189).

81. GLERIA, Op cit, p.260.
- 82 Idem, p.263.
83. MONBEIG, P. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984, p.24.
84. JAMES, P E. The Coffee Lands of Southeastern Brazil. Geographical Review. V. 22, 1923, p. 225-244.
85. MONBEIG, P. Op. cit., p.24.
86. FREITAS, D. C. A. Op. Cit., 1994, p.25.
87. BENINCASA, W. Op. cit., p.321.
88. Idem, p. 326.
89. Idem, p. 326.
90. Idem, p.382.
91. Idem, p.382.
92. ARGOLLO, F. A. M. Arquitetura do café. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004, p.145.
93. GLERIA, Op. cit., p.273.
94. Idem, p.283.
95. Idem, p.291.
96. Idem, p.291.
97. Idem, p.304.
98. FITCH, J. M. Preservação do patrimônio arquitetônico. São Paulo: EDUSP, 1981, p.37.
99. CIONE, R. História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: IMAG Gráfica e Editora, 1987. V. 1. p.120.



Legendas das fotos

Páginas 6 e 7 | Café torrado, 2014.

Página 8 | Sacas de café - Fazenda São Maunuel, 2014.

Página 10 | Coando Café no fogão a lenha, 2014.

Páginas 14 e 15 | Lampião, 2014.

Página 20 | Detalhe de colcha de fuxico e retalhos, 2014.

Página 23 | Balaio, 2014.

Página 25 | Peneira, 2014.

Páginas 26 e 27 | Artefatos da cultura caipira, 2014.

Página 28 | Recorte de chita, 2014.

Página 29 | Dia de sol, 2014.

Página 32 e 33 | Entrevistados deste livro, 2014.

Página 38 e 39 | Colônia da Fazenda São Manuel, 2014.

Páginas 42, 43, 44 e 47 | Crianças brincando de ciranda, 2014.

Página 49 | Peteca encontrada no endereço on-line: <http://img.socioambiental.org/v/publico/pibmirim/co-mo-vivem/brincadeiras/peteca.jpg.html>. Acesso em julho de 2014.

Páginas 50 e 51 | Mulher rezando, 2014.

Página 55 | Cruz e andor, Cruz do Pedro, junho de 2014.

Páginas 56 e 57 | São Pedro, Cruz do Pedro, junho de 2014.

Páginas 58 e 59 | Romaria da Cruz do Pedro, junho de 2014.

Páginas 62 e 63 | Detalhe andor da Cruz do Pedro, junho de 2014.

Páginas 64 e 65 | Cesta de artigos culinários, 2014.

Página 67 | Porta ovos de arame, 2014.

Página 68 | Fogão a lenha, Fazenda São Manuel, 2014.

Página 69 | Detalhes Bolinho de Flor de Abóbora, 2014.

Páginas 70 e 71 | Detalhes do Pudim Caipira, 2014.

Páginas 72 e 73 | Detalhes da Pamonha, 2014.

Páginas 74, 75 e 76 | Detalhes do Pau-a-pique, 2014.

Páginas 77 | Detalhes do Bolo de Milho, 2014.

Página 78 | Detalhes da Polenta, 2014.

Página 79 | Detalhes do Frango Caipira, 2014.

Páginas 80 e 81 | Detalhes do Doce de Abóbora, 2014.

Páginas 82 e 83 | Detalhes do Pão Caseiro, 2014.

Página 84 | Colônia na Fazenda Santana, 2012.

Página 85 | Detalhe da varanda frontal da casa sede na fazenda Boa Vista, 2012.

Página 86 | Moinho manual de café, 2014.

Página 87 | Caldo de cana-de-acúcar, 2014.

Página 92 e 93 | Vista geral de uma Fazenda - Foto de Guilherme ABC, 2013.

Páginas 96 e 97 | Terreiro e tulha na fazenda Santa Maria de Bonfim Paulista, 2012.

Páginas 98 e 99 | Tulha na fazenda Cruzeiro, 2012.

Páginas 100 e 101 | Colônia na fazenda Cruzeiro, 2012.

Páginas 102 | Produção entre os anos 1920 e 1930 na fazenda Chimborazo da Companhia Agrícola Ribeirão Preto. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Página 103 | Grão de café secando no terreiro da fazenda Santa Maria de Bonfim Paulista, 2012.

Página 104 | Tulha na fazenda Olhos D'água, 2012.

Página 105 | Trilhos na fazenda Olhos D'água, 2012.

Página 106 | Foto maior, passadiço de madeira entre a tulha e o terreiro na fazenda Cruzeiro, 2012. Foto em detalhe, máquina de beneficiar café, Fazenda São Manuel. 2014.

Páginas 108 e 109 | Colônia na fazenda Santana, 2012.

Páginas 110 e 111 | Casa sede da fazenda Boa Vista, 2012.

Páginas 112 e 113 | Vista da varanda frontal da casa sede na fazenda Santana, 2012.

Páginas 114 e 115 | Casa sede da fazenda Monte Alegre, atual Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos, em Ribeirão Preto - Foto: Guilherme ABC. 2013.

Páginas 117 | Imagem 1 – Guarda-corpo em madeira ornamentada da fazenda Boa Vista.

Imagem 2 – Detalhe do lambrequim, da mão francesa e do capitel ornamentado na fazenda Boa Vista.

Imagem 3 – Ornamentação de madeira na varanda frontal da fazenda Monte Alegre. Imagem 4 – Detalhe do lambrequim na varanda posterior da fazenda Monte Alegre, 2012.

Página 118 | Desenho técnico das fachadas da casa sede da fazenda Boa Vista. Desenho: Ana Carolina Gleria.

Página 119 | Janela na fazenda Boa Vista, 2012.

Página 120 | Fundos da casa sede na fazenda Santana, 2012.

Página 121 | Ladrilho hidráulico e azulejo francês pintado na cozinha da fazenda Boa Vista, 2012. Trecho da estrutura do telhado aparente na cozinha suja da fazenda Boa Vista, 2012.

Página 122 | Detalhe do barrado lateral da pintura na sala de jantar da fazenda Boa Vista, 2012.

Página 123 | Capela na fazenda São Sebastião da bela Vista, 2012.

Páginas 130 e 131 | Casa sede da fazenda Santa Maria de Bonfim Paulista, 2012.

Página 132 | Imagem 1 – Tulha na fazenda Serra. Imagem 2 – Colônia na fazenda Cruzeiro, 2012.

Página 133 | Tulha na antiga fazenda Santa Luzia, atual pesqueiro e Restaurante da Tulha, 2012.

Páginas 134 e 135 | Casa Sede da fazenda São Manuel. 2014.

Página 136 | Casa do administrador da fazenda São Manuel, 2014.

Páginas 138 e 139 | Casa sede na fazenda Santa Rita de Ribeirão Preto, 2012.

Páginas 140 e 141 | Café torrado, 2014.

| Páginas 144 e 145 | Porteira interna na fazenda Cruzeiro, 2014.

Página 151 Fogueira em festa junina, 2014.

Páginas 156 e 157 | Artefato de cozinha em forma de galinha. 2014.





Referências

- ALVIN, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, N. (org.) História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998, p. 215-288.
- ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. Arquitetura do café. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- AZEVEDO, Fernando. A Cultura Brasileira. São Paulo: Edusp, 2010.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. O apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (orgs.). Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 117-162.
- BRIOSCHI, Lucila Reis (Orgs.). Na Estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.
- BELUZZO, Rosa. São Paulo: Memória e sabor. Unesp, 2008. 120 p.
- BENINCASA, Vladimir. Fazendas paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- _____. Velhas fazendas. Arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara. 1830-1930. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EDUFScar, 2003.
- BERGAMIN, Sig. Adoro o Brasil. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. 284 p.
- BERNARDES, Elizabeth Lannes. Cadernos de História da Educação. 2005. N. 4, p. 45-54.
- CAMPOS, M. Salinas. Salud, dinero y amor: una inspiración festiva y popular para La historiografía del cuerpo. In: SAMPAIO, J.H. (org). Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir de seus sujeitos. Piracicaba: UNIMEP/CEHILA, 2004.
- CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.
- CARRATO, José Ferreira. Comes e Bebes na “Belle Époque” Ribeirãopretana. In: Revista Regional de História – História e Cultura. Franca, ARPAM – Associação Regional de Pesquisa e Preservação de Acervo Municipal. v. 1, n. 1, p. 133-141. 1991.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História da Alimentação no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.
- CIONE, Rubem. História de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: IMAG Gráfica e Editora, 1987. V. 1.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 2 ed. São Paulo:

Artshow Books, 1989.

CRUZ, Cícero Ferraz. Fazendas do sul de Minas: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

DELUMEAU, Jean. De Religiões e de Homens. Tradução Nadyr de Salles Penteado. São Paulo: Loyola, 2000.

EAGLETON, Terry. A idéia de Cultura. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FITCH, James Marston. Preservação do patrimônio arquitetônico. São Paulo: EDUSP, 1981.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado Liberal. In: BEOZZO, J. O. et all. História da Igreja no Brasil. Ensaio de interpretação a partir do povo. Segunda época, século XIX. 2.ed. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1985. Tomo II/2.

FRANCISCO, Luis Roberto de. A gente paulista e a vida caipira. In: Terra Paulista. Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo: CENPEC/Imprensa Oficial, 2004.

FREITAS, N. M. B. de. A devoção a São Sebastião em Ribeirão Preto. In: SAMPAIO, J.H. (org). Saúde, dinheiro e amor: estudo da vivência religiosa a partir de seus sujeitos. Piracicaba: UNIMEP/CEHILA, 2004.

FREITAS, Daici Ceribeli Antunes de. Os signos da modernidade nos cafezais. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GARCIA, Maria Angélica Momenso. Trabalhadores rurais em Ribeirão Preto: trabalho e resistência nas fazendas de café, 1890-1920. Franca: UNESP, 1997. 154 p.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GLERIA, Ana Carolina. Um reconhecimento arquitetônico das fazendas cafeeiras do Município de Ribeirão Preto (1870 -1930). Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

GRAHAN, Richard. Clientelismo e política no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. Formação do catolicismo Brasileiro (1550-1800). Vozes: Petrópolis, 1974.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5.ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LLOSA, Mario Vargas. A civilização do espetáculo. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Objetiva, 2013.

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. In: Psicologia & Sociedade. Jul./dez/ 2003, p. 74-87.

MOMBEIG, Pierre. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

LOBATO, Monteiro. Cidades mortas. São Paulo: Brasiliense, 1975.

PEDREIRA, José Miguel. Indústria e Negócio: a estampanaria na região de Lisboa, 1780-1880. Lisboa, 1991. Disponível em: <www.dominiopublico.com>. Acesso em 09 jul. 2014.

PEIXOTO, Gustavo Rocha. Introdução. In: CZAJKOWSKI, Jorge Paul (Org.). Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2000.

POLLACK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1992. Vol. 5, n. 10.

POSSENTI, Sírio. Os Limites do Discurso – ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2002.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo (Org.); CZAJKOWSKI, J.(Org.). Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2001

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

SILVA, Emanuela Francisca Ferreira. Estampa chita: cesura e memória no descontínuo da história dos vencedores. Revista Signos do Consumo. 2010. V.2, n.1, p. 98-107. Disponível em: < file:///C:/Users/Owner/Downloads/44364-52874-1-SM.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2014.

WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. Ritos de Magia e Sobrevivência. Sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940). Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo: FFLCH/USP, Julho/1997.

